

Henry Sobel:

Aquele que nunca pecou que atire a primeira pedra

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Talvez nunca como antes em sua vida o rabino Henry Isaac Sobel irá necessitar de sua crença ecumênica, ecumenismo por que tanto pregou. Pois advêm, não do judaísmo, mas do novo testamento cristão, e, emitidas pelo próprio nazareno, as palavras sábias que já atravessam milênios: “aquele que nunca pecou que atire a primeira pedra”. Salvou, Jesus, com tal sentença, a sentença da urbe excitada que apedrejaria a jovem pecadora.

Para quem não conhece muito da história de Henry Sobel, esse lisboeta com sotaque carregado de americano, ou seja, rabino brasileiro nascido em Portugal, portanto, luso-brasileiro, ainda na primeira infância seria levado pelas mãos de seus pais para Nova York, cidade que morou muitos anos e onde concluiu, em 1970, sua formação de rabino, ordenado pelo Hebrew Union College – Jewish Institute of Religion.

Nesse mesmo ano, Sobel recebe e aceita o convite para ser rabino na CIP (Congregação Israelita Paulista) e se radica no Brasil. Construiu com mais de três décadas nesse país a reputação de ser um dos maiores defensores dos princípios éticos na então sociedade brasileira em regime de exceção, tornando-se um exemplo de coragem e determinação no enfrentamento da ditadura militar.

Quando da morte numa cela do DOPS do jornalista Vladimir Herzog em que o governo afirma que o mesmo havia se suicidado, o rabino Sobel presidiu a cerimônia de seu enterro numa área nobre do cemitério judaico israelita, no Butantã. Com esse gesto contesta a versão oficial sobre sua morte, pois na tradição judaica o suicídio é um crime, e quem o comete deve ser enterrado em uma área fora dos muros do cemitério. Denuncia então, a luz do dia, a existência da tortura.

A missa de sétimo dia de Vladimir Herzog, além de ter sido um dos mais importantes protestos contra a ditadura militar, acabou se transformando num grande evento ecumênico. Evento que seria o primeiro de muitos cultos, onde mergulhado nessa filosofia ecumênica se

tornaria um dos artífices do diálogo e compreensão entre as diversas religiões.

Junto ao então arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns e ao pastor presbiteriano Jaime Wright, iria participar de maneira destacada no projeto secreto de reunir toda a documentação da ditadura militar brasileira, que resultou em 1985 na publicação do livro "*Brasil: Nunca Mais*" – um marco, indiscutível, na história dos direitos humanos no país, em que a tortura e os torturadores foram expostos com base no imenso material reunido.

Então, o deslize: sexta-feira, dia 23 de março, essa imagem iria sofrer um forte abalo. Sobel fica detido, entre presos comuns, numa delegacia na Flórida, nos Estados Unidos, acusado de furto.

O que teria acontecido? Um surto cleptomaníaco? Distúrbio de comportamento? Transtorno de Humor? Ou delito mesmo? Dividem-se as opiniões. O establishment tratando de inocenta-lo, irá buscar subsídios num possível transtorno mental ou medicamentoso. Os detratores se entusiasmam com o triste episódio e se sentem com a faca e o queijo na mão para denegri-lo. Entre os dois pólos as opiniões que podem pender mais para um lado ou para o outro, dependendo do perfil de cada um.

Eu particularmente recebi a notícia com certa perplexidade. Uma inicial e ingênua incredulidade que evoluiu para uma tristeza. Sim tristeza, pois é decepcionante ver manchada a biografia de uma pessoa com uma trajetória tão excepcional. E é aí que, no meu pensar, está o cerne da questão. O fato de excepcionarmos certas pessoas, como essas pudessem estar acima do bem e do mal. Acontece que Sobel nada mais é, independente de seus honráveis feitos, que um ser humano com toda a sua disposição *perversa polimorfa*, usando uma linguagem psicanalítica.

Não importa se era ele que se achava excepcional ou se era seu público que o excepcionava. O drama, no final das contas, é o mesmo. Então, nesse sentido, o deslize de Henry Sobel oferece uma humana lição. Tanto para ele como para nós, qual não seja, a oportunidade de refletirmos sobre nossas naturezas viciadas e viciantes, no sentindo de fazer prosperar nosso comportamento social. Pois como nos mostra Shakespeare no seu imortal *Hamlet*, a virtude devia curvar-se ao vício, até para poder servir. Quando se isola o vício num personagem sem

maiores cuidados, ficamos livres para continuar a tolerar os vícios sociais. Por exemplo, quando se limita a julgar como monstro o médico pedófilo, e a desejar que o mesmo seja eliminado, achamos que com seu extermínio tudo se resolveu e, aliviados, podemos tolerar a pedofilia que grassa solta na sociedade, da internet ao mais recônditos esconderijos.

Vaidade, um dos sete pecados capitais. Não? Gravatas de grife. Alguma relação? Explicar o incidente na Flórida, por exemplo, como distúrbio de comportamento por medicamentos, não dá conta do fenômeno, pois como afirmou Baudelaire, a droga nada mais revela que o próprio sujeito. Por que o transtorno de Sobel foi o de furtar gravatas de marca e não, por exemplo, distribuir dinheiro, ou beijar moçoilas. Há um cerne vaidoso, que, aliás, não combina com uma autêntica posição religiosa, pois a modéstia é inseparável do *esprit de finesse* de um verdadeiro religioso. Ou seja, as explicações “médicas”, sejam quais forem só tornam a emenda pior que o soneto.

Distúrbio é uma sociedade que pagam 25 mil dólares mensais a um líder religioso, com suas naturais vaidades, e achar que irá se manter lúcido de suas funções pastorais. Distúrbio é uma sociedade que possui meios de comunicação que gozam sadicamente, na melhor das hipóteses, com a foto desgrenhada de um cidadão. Distúrbio é uma sociedade que para dormir, acordar, trabalhar, se divertir, precisa se drogar. Distúrbio, enfim, é uma sociedade, que transforma nossas vidas num grande circo *big brother*.

Fazer diagnóstico em medicina é coisa séria e não para rotular pessoas com essas ou aquelas finalidades. Não se faz, por exemplo, um diagnóstico de esquizofrenia porque um sujeito esta delirando ou alucinando. É preciso conhecer o histórico. E o histórico de Henry Isaac Sobel não é, definitivamente, o histórico de um ladrão. Não possuo nenhuma credencial para incriminar ou absolver seu deslize, **mas tenho dados suficientes para reverenciar sua história.**

Humano demasiadamente humano! Diria Nietzsche. *Aquele que nunca pecou que atire a primeira pedra!* Diria Jesus, o cristo.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).